

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ANATOLE FRANCE

**A REVOLTA
DOS ANJOS**



cavalo de ferro

I

Onde se contém em poucas linhas a história de uma família francesa desde 1789 até aos nossos dias.

O palácio Esparvieu ergue-se, à sombra de São Sulpício, em três andares austeros, entre um pátio coberto de musgo verde e um jardim estreitado, com o correr dos tempos, por edifícios cada vez mais altos e mais próximos, no qual dois grandes castanheiros elevam ainda as suas copas emurchecidas. Foi aí que viveu, de 1825 a 1857, o grande homem da família, Alexandre Bussart d'Esparvieu, vice-presidente do Conselho de Estado durante o governo de Julho, membro da Academia das Ciências Moraes e Políticas, autor do *Ensaio sobre as Instituições Civis e Religiosas dos Povos*, em três volumes in-octavo, obra que ficou, infelizmente, inacabada.

Este eminent teórico da monarquia liberal deixou como herdeiro do seu sangue, da sua fortuna e da sua glória Fulgêncio-Adolfo Bussart d'Esparvieu, que foi senador no Segundo Império, acresceu grandemente o seu património com a compra de terrenos em que devia passar a avenida da Imperatriz e pronunciou um discurso memorável em defesa do poder temporal dos papas.

Fulgêncio teve três filhos. O primogénito, Marcos Alexandre, ingressou no exército e fez nele uma esplêndida carreira. Falava bem. O segundo, Caetano, não tendo demonstrado nenhuma aptidão especial, vivia a maior parte do tempo no campo, caçava, dedicava-se à criação de cavalos, à música e à pintura. O terceiro, Renato, destinado desde a infância à magistratura, apresentou a demissão de juiz substituto para não colaborar na aplicação dos decretos Ferry sobre as congregações; e, mais tarde, vendo retornados, sobre a presidência

Fallières os tempos de Décio e Diocleciano, pôs a sua ciência e o seu zelo ao serviço da Igreja perseguida.

Desde a Concordata de 1801 até aos últimos anos do Segundo Império, todos os d'Esparvieu iam à missa, como exemplo. Intimamente cépticos, consideravam a religião um meio de governação. Marcos e Renato foram os primeiros da sua estirpe que deram mostras de devoção sincera. O general, quando coronel, tinha consagrado o seu regimento ao Sagrado Coração de Jesus e praticava a religião com um fervor que se tornava notado, mesmo num militar. E, no entanto, sabe-se quanto a devoção escolheu, para sua mansão dilecta na Terra, o coração dos generais da Terceira República. A fé também tem as suas vicissitudes. Sob o antigo regime, o povo era crente, mas não o eram a nobreza nem a burguesia letrada. Sob o Primeiro Império, o exército, de alto a baixo, era francamente ímpio. Mas hoje, o povo não crê em nada. A burguesia quer acreditar e por vezes consegue-o, tal como o conseguiram os senhores Marcos e Renato d'Esparvieu. O seu irmão Caetano, fidalgo rural, não chegou a isso: era agnóstico, como se diz na boa sociedade, para não empregar o termo odioso de livre-pensador. E ele mesmo se proclamava agnóstico, contrariamente ao nobre uso que manda esconder tais coisas. Neste século em que vivemos há tantas maneiras de crer e de não crer que os historiadores futuros vão ter dificuldade em discriminá-las. Mas sabemos nós, actualmente, definir melhor a situação das crenças religiosas nos tempos de Símaco e de Ambrósio?

Cristão fervoroso, Renato d'Esparvieu continuava fortemente ligado às ideias liberais que os seus antepassados lhe tinham transmitido como herança sagrada. Obrigado a combater a República ateia e jacobina, não deixava de se afirmar sempre republicano. Era em nome da liberdade que reivindicava a independência e a soberania da Igreja. Quando decorreram os grandes debates da Separação e as questões dos Inventários, os sínodos de bispos e as assembleias de fiéis realizavam-se na sua casa.

Enquanto se reuniam no grande salão verde os chefes mais categorizados do partido católico, prelados, generais, senadores,

deputados, jornalistas; quando todas as almas presentes se voltavam para Roma com enternecidamente submissão ou constrangida obediência e o senhor d'Esparvieu, encostado ao mármore da chaminé, opunha ao direito civil o direito canónico e protestava eloquentemente contra a espoliação de que era vítima a Igreja de França, duas antigas figuras, mudas e imóveis, debruçavam o olhar sobre a assembleia: à direita do fogão de sala, pintado por David, estava o retrato de Romain Bussart, lavrador em Esparvieu, com o seu ar rude e astuto, o seu quê de velhacaria, vestido com casaco e calça de fustão. O homeninho tinha boas razões para rir: tinha sido o fundador da fortuna da família pela compra de bens da Igreja. À esquerda, pintado por Gérard, em trajo de gala e todo engalanado de condecorações, figurava o filho do camponês, o barão Emílio Bussart d'Esparvieu, prefeito do Império e grande referendário do selo de Estado da França no reinado de Carlos X, falecido em 1837 quando mordomo da sua paróquia, mas tendo nos lábios os versículos de *La Pucelle*.

Renato d'Esparvieu casou-se em 1888 com Maria Antonieta Coupelle, filha do barão Coupelle, industrial metalúrgico em Blainville, no Alto Loire. A senhora de Renato d'Esparvieu presidia desde 1903 à associação das mães cristãs. E estes dois perfeitos esposos, depois de casarem a filha mais velha em 1908, tinham ainda em casa três filhos: uma rapariga e dois rapazes.

Leão, o mais moço, apenas com seis anos tinha o seu quarto privativo ao lado dos de sua mãe e de sua irmã, Berta. Maurício, o mais velho, habitava um pequeno pavilhão de duas divisões no fundo do jardim. O jovem dispunha de uma relativa liberdade que lhe tornava a vida familiar mais suportável. Era um bonito rapaz, elegante sem afectação. O seu breve sorriso, que lhe levantava apenas um dos lados do lábio, era agradável à vista.

Aos vinte e cinco anos, Maurício tinha já toda a sabedoria do Eclesiastes. Na dúvida de que pudesse vir ao homem algum proveito de qualquer esforço que fizesse neste mundo, evitava tudo o que o incomodasse. Desde a mais tenra infância,

este filho-família só estudava a maneira de fugir ao estudo e, embora mantendo-se alheio ao ensino na escola, conseguira formar-se em Direito e era advogado no tribunal de recursos.

Na realidade, não advogava coisa alguma nem trabalhava nos processos. Não sabia nada, não queria saber nada; e nisso se conformava com a sua maneira de ser, não sobrecarregando de nenhum modo a sua gentil pequenez e entendendo por feliz instinto que seria melhor compreender pouco do que compreender mal.

Maurício recebera do Céu, na expressão do senhor abade Patouille, os privilégios de uma educação cristã. A devoção era-lhe oferecida desde a infância em exemplos domésticos; e, quando saiu do colégio e se inscreveu na escola de Direito, teve à sua volta a ciência dos doutores, as virtudes dos confessores e a constância das mulheres fortes instaladas no lar paterno. Ingressado na vida social e política quando da grande perseguição contra a Igreja de França, Maurício não faltou a nenhuma manifestação da juventude católica. Esteve nas barricadas da sua paróquia quando dos inventários e desatrelou com os seus camaradas os cavalos do arcebispo quando este foi expulso do paço episcopal. Mesmo nestas circunstâncias, porém, manifestou sempre um zelo moderado: nunca ninguém o viu nas primeiras filas dessa turba heróica que incitava os soldados a uma gloriosa desobediência nem lançar sobre os agentes do fisco imundícies e ultrajes.

Cumpria o seu dever e nada mais. E quando se distinguiu por ocasião da grande peregrinação de 1911 entre os maqueiros de Lourdes, parece que foi mais para agradar à senhora De la Verdelière, que gostava de homens robustos. O abade Patouille, amigo da família e profundo conhecedor das almas, sabia que Maurício só muito moderadamente aspirava ao martírio. Exprobrava-lhe a tibieza e puxava-lhe pelas orelhas chamando-lhe cavalo preguiçoso. Com tudo isso, pelo menos, Maurício mantinha-se crente. Através dos desvarios da juventude, a sua fé continuou intacta, porque nada o levou a tocar nela. Não se deu ao cuidado de a examinar em qualquer ponto, como também não se preocupou em considerar

mais atentamente as ideias morais que reinavam na sociedade a que pertencia. Aceitava-as tal como lhe tinham sido dadas; e por isso se mostrava em todas as circunstâncias um perfeito homem de bem — o que não teria sabido fazer se meditasse sobre os fundamentos dos costumes. Era irritável, colérico, tinha o sentido da honra e cultivava com esmero esse sentimento. Não era ambicioso nem fátuo. Como a maioria dos franceses, não gostava de gastar dinheiro; e nada teria dado às mulheres se elas a isso não o obrigassem. Julgando desprezá-las, adorava-as. E era sensual, muito naturalmente para sequer dar por isso. O que não se sabia e ele próprio ignorava profundamente (embora fosse possível adivinhá-lo, talvez, por uma certa luminosidade húmida que brilhava por vezes nos seus belos olhos castanho-claros) é que era dotado de ternura e capaz de amizade sincera. Demais, no trato corrente da vida, exibia apenas um realismo mais ou menos cínico.

II

Onde se poderão encontrar informações úteis sobre uma biblioteca, na qual ocorrerão em breve estranhos acontecimentos.

Com a ambição de abranger todo o âmbito dos acontecimentos humanos e desejoso de dar ao seu espírito enciclopédico um símbolo concreto e um instrumento adequado aos seus meios pecuniários, o barão Alexandre d'Esparvieu tinha constituído uma biblioteca de trezentos e sessenta mil volumes, impressos e manuscritos, cujo fundo principal provinha do convento beneditino de Ligugé.

Em cláusula especial do seu testamento tinha determinado aos herdeiros que aumentassem depois dele a biblioteca com tudo o que pudesse parecer importante em matéria de ciências naturais, morais, políticas, sociais, filosóficas e religiosas. Deixou indicadas as verbas que conviria reservar, para este efeito, da sua herança e encarregou o filho mais velho, Fulgêncio Adolfo, de tratar desses acréscimos. Fulgêncio Adolfo cumpriu, com respeito filial, as vontades expressas pelo seu ilustre pai.

Após ele, a biblioteca imensa, que representava em valor mais do que a parte herdada por cada um dos filhos, manteve-se indivisa por desígnio da prole de três rapazes e duas raparigas que o senhor deixara no mundo. Renato d'Esparvieu, a quem coube o palácio da rua Garancière, ficou com o encargo da guarda da preciosa coleção. As duas irmãs, senhoras Paulet de Saint-Fain e Cuissart, reclamaram por diversas vezes a liquidação de um espólio tão considerável e que não rendia nada. Mas Renato e Caetano resgataram do seu bolso a parte que caberia às duas co-herdeiras e a biblioteca, graças a isso, salvou-se. Renato d'Esparvieu empenhou-se até em aumentá-la, em

conformidade com as intenções do fundador. Mas, de ano para ano, ia reduzindo o número e importância das aquisições, partindo do princípio de que a produção intelectual estava a baixar na Europa.

Caetano, no entanto, continuava a enriquecê-la, à sua custa, com obras novas, publicadas em França ou no estrangeiro, que lhe pareciam boas. E não lhe faltava critério, embora os irmãos lhe não reconhecessem a mínima parcela de entendimento em tais matérias. Graças a esse homem ocioso e curioso, a biblioteca do barão Alexandre foi mantida mais ou menos em dia.

A biblioteca Esparvieu é ainda hoje, em assuntos de teologia, jurisprudência e história, uma das melhores colecções privadas de toda a Europa. Podem ser nela estudadas a física, ou melhor as físicas, em todos os seus ramos; e, por pouco que isso interesse, a metafísica ou as metafísicas, isto é, o que foi acrescentado às físicas e não tem outro nome por ser impossível designar por um substantivo o que não tem substância e não passa de sonho e ilusão. Pode-se admirar nela os filósofos, procedendo à solução, dissolução e resolução do absoluto, à determinação do indeterminado e à definição do infinito. De tudo se encontra nesse acervo de bíblias e bibliazinhas sacras e profanas — tudo, até ao pragmatismo mais recente e mais elegante.

Outras bibliotecas conterão em maior abundância as encadernações veneráveis pela antiguidade, ilustres pela proveniência, suaves pelo grão e pela tonalidade da pele, preciosas pela arte do dourador que marcou os ferros em traços, em rendilhados, em folhagens, em florões, em emblemas, em brasões de armas — e que, pelo seu doce esplendor, fascinam os olhos dos entendidos. Outras poderão guardar em maior número manuscritos iluminados por pincel veneziano, flamengo ou da Touraine, em vivas e finas miniaturas. Nenhuma, porém, ultrapassa esta em boas e belas edições de autores antigos e modernos, sacros e profanos.

Nela se encontra tudo o que nos ficou da Antiguidade: todos os padres da Igreja, os apologistas e os decretalistas,

todos os humanistas da Renascença, todos os enciclopedistas, toda a filosofia, toda a ciência.

Foi isso que fez dizer ao cardeal Merlin quando se dignou a visitá-la:

— Não existe nenhum homem com cabeça suficientemente forte para conter toda a ciência acumulada nestas prateleiras. E felizmente que tal não é necessário.

Monsenhor Cachepot, que muitas vezes trabalhava na biblioteca quando era vigário em Paris, costumava dizer:

— Vejo aqui com que gerar muitos Tomás de Aquino e muitos Ários, se os espíritos não tivessem perdido o seu antigo ardor para o bem e para o mal.

Os manuscritos constituíam, sem dúvida, a maior riqueza da imensa coleção. Contavam-se entre eles, designadamente, correspondências inéditas de Gassendi, do padre Mersenne e de Pascal, que desvendam novas luzes sobre o espírito do século XVII. E não podem ser esquecidas as Bíblias hebraicas, os Talmudes, os tratados rabínicos impressos e manuscritos, os textos aramaicos e samaritanos inscritos em pele de carneiro e em placas de sicómoro, todos esses exemplares, enfim, muito antigos e muito preciosos, recolhidos no Egito e na Síria pelo célebre Moisés de Dina e que Alexandre d'Esparvieu tinha adquirido por módico preço quando o sábio hebraizante, em 1836, tinha vindo morrer de velhice e de miséria em Paris.

A biblioteca Esparvieu ocupava o segundo piso da velha mansão. As obras consideradas de interesse mediocre, tais como os livros de exegese protestante dos séculos XIX e XX, doadas por Caetano d'Esparvieu, tinham sido relegadas, sem serem sequer encadernadas, para as infindas profundezas dos recantos do palácio. O catálogo, incluindo os suplementos, preenchia nada menos do que dezoito volumes in-folio e estava à disposição de quem quisesse consultá-lo. Em toda a biblioteca reinava uma ordem perfeita. Julião Sariette, arquivista e paleógrafo que, por ser pobre e modesto, dava lições para se manter, recebeu em 1895, por recomendação do bispo de Agra, o encargo de preceptor do jovem Maurício e, quase na mesma altura, o de conservador da biblioteca. Homem de

actividade metódica e de paciência obstinada, Sariette classificou esforçadamente todas as peças do vasto corpo arquivístico. O sistema por ele concebido e aplicado era a tal ponto complexo, as costas que marcava nos livros compunham-se de tantas letras maiúsculas e minúsculas, latinas e gregas, de tantos algarismos árabes e romanos, acompanhados de asteriscos, de tantos desses signos que representam na aritmética as grandezas e as raízes, que o estudo de tal sistema exigiria mais tempo e trabalho do que é necessário para aprender perfeitamente a álgebra. E, como não apareceu ninguém que quisesse gastar no aprofundamento de tão obscuros signos as horas que seriam melhor empregadas em descobrir as leis dos números, só o próprio Sariette continuou a ser a única pessoa capaz de não se extraviar na floresta das suas classificações. Tornou-se absolutamente impossível encontrar sem a sua ajuda, entre os trezentos e sessenta mil volumes confiados à sua guarda, qualquer obra de que se precisasse. Foi esse, afinal, o resultado do seu labor. Mas, muito longe de se queixar de tal coisa, sentia pelo contrário uma viva satisfação.

Sariette amava a «sua» biblioteca. E amava-a com ciumento amor. Todos os dias, desde as sete horas da manhã, lá estava presente. Sentado a uma grande secretária de acaju, catalogava. As fichas escritas pela sua mão enchiam o ficheiro monumental colocado a seu lado, sobre o qual pontificava o busto em gesso de Alexandre d'Esparvieu, com a cabeleira despenteada, o olhar sublime, a patilha cheia à maneira de Chateaubriand encobrindo as orelhas, a boca carnuda, o peito nu. Quando soava o meio-dia, Sariette ia almoçar, na estreita e sombria rua de Canettes, ao restaurante dos Quatro Bispos, outrora frequentado por Baudelaire, Teodoro de Banville, Carlos Asselineau, Luís Ménard e um «grande de Espanha» que tinha traduzido os *Mistérios de Paris* para a sua língua pátria. As patas que ornamentavam graciosamente o velho emblema de pedra que deu nome à rua já conheciam o velho arquivista. Ao meio-dia e três quartos, rigorosamente, regressava à biblioteca, donde só saía às sete horas para ir sentar-se de novo ante a sua mesa frugal dos Quatro Bispos,

coroada com ameixas secas. Todas as noites, depois do jantar, o seu colega Michel Guinardon, geralmente conhecido por «tio» Guinardon, pintor decorador e restaurador de quadros, que trabalhava para as igrejas, vinha da sua mansarda na rua da Princesa aos Quatro Bispos para tomar café e uma bebida — e os dois amigos jogavam, então, a sua partida de dominó. O «tio» Guinardon, ainda vigoroso e cheio de vitalidade, era muito mais velho do que podia imaginar-se. Tinha ainda conhecido Chenavard. De castidade irredutível, denunciava incessantemente as impurezas do neo-paganismo em linguagem de uma formidável obscenidade. E gostava de falar. Sariette escutava-o de boa vontade. Guinardon gostava de falar ao amigo da capela dos Anjos, na igreja de São Sulpício, cujas pinturas estavam a desfazer-se em alguns pontos e que lhe cabia a missão de restaurar. Mas isso quando fosse da vontade de Deus porque, desde a Separação, as igrejas só pertenciam a Deus e ninguém assumia ao encargo das reparações mais urgentes. De resto, o «tio» Guinardon não exigia qualquer remuneração por esse trabalho.

— São Miguel é o meu patrono — dizia ele —, e tenho especial devoção pelos Santos Anjos.

Depois da partida de dominó, Sariette, com o seu corpo miudinho, e Guinardon, robusto como um leão, corpulento como um São Cristóvão, deambulavam e tagarelavam pela praça de São Sulpício, na noite clemente ou agreste. Depois, Sariette ia direito para casa, com grande pena do pintor, que era palrador e noctâmbulo.

No dia seguinte, Sariette retomava às sete horas em ponto o seu lugar na biblioteca e continuava a catalogar. Entretanto, sentado à sua secretária, lançava a quem quer que entrasse um olhar de Medusa, sempre com receio de que fosse alguém a pedir um livro emprestado. Com esse olhar desejaría ele não só petrificar os magistrados, os políticos, os prelados que usavam da sua familiaridade com o dono da casa para pedir de empréstimo qualquer obra, como o próprio Caetano d'Esparvieu, benfeitor da biblioteca, que levava por vezes uma velharia brejeira ou ímpia para se entreter nos dias chuvosos

da província, ou a senhora de Renato d'Esparvieu, quando vinha buscar um livro para dar a ler aos doentes do seu hospital, ou até o próprio Renato d'Esparvieu que, no entanto, se contentava com o *Código Civil* ou com um Dalloz. Levarem-lhe da biblioteca um livro, por modesto que fosse, era como arrancar-lhe a alma. Para recusar os empréstimos, mesmo àqueles que tinham mais direito a eles, Sariette inventava mil mentiras engenhosas ou grosseiras e não se importava de caluniar a sua administração ou de deixar pôr em dúvida a sua vigilância dizendo que estava transviado ou perdido um volume que pouco antes acarinhava com os olhos e que depois apertava contra o coração. Quando, por fim, era obrigado em absoluto a entregar um volume, retomava-o nas suas mãos vinte vezes antes de o deixar seguir o seu destino.

Estremecia sem cessar com a ideia de que algum dos objectos entregues aos seus cuidados pudesse fugir-lhe. Conservador de trezentos e sessenta mil volumes, tinha constantemente no espírito outros tantos motivos de inquietação. Acordava por vezes de noite, embebido em suores frios e soltando gritos de angústia, porque via em sonhos um buraco numa das filas de livros dos seus armários.

Parecia-lhe monstruoso, iníquo e desolador que um livro saísse alguma vez do seu lugar. Essa nobre avareza exasperava Renato d'Esparvieu que, na sua ignorância das virtudes do perfeito bibliotecário, o tratava como a um velho maníaco. Sariette desconhecia essa injustiça; mas, de qualquer modo, teria enfrentado as mais cruéis desgraças e sofrido todos os vexames e injúrias para salvaguardar a integridade do seu tesouro. Graças à vigilância e ao zelo que praticava inalteravelmente, numa palavra: ao amor que lhe dedicava, a biblioteca d'Esparvieu não havia perdido nem sequer um opúsculo sob o seu tempo de exercício em funções, durante os dezasseis anos que tinham decorrido até ao dia 9 de Setembro de 1912.

III

Onde se entra no mistério.

Na tarde desse dia, pelas sete horas, depois de ter, como habitualmente, restituído aos seus lugares todos os livros que deles tinham saído e verificado que deixava tudo em boa ordem, Sariette saiu da biblioteca e fechou a porta com duas voltas. Jantou, como de costume, nos Quatro Bispos, leu o jornal *La croix* e entrou às dez da noite no seu pequeno apartamento da rua do Regard. Este homem simples não tinha nada que o perturbasse, além da sua biblioteca, e não era de pressentimentos. O seu sono foi tranquilo. No dia seguinte, de manhã, ao entrar pelas sete horas exactas na antecâmara da biblioteca, tirou, como era de velho uso, a sua bela sobrecasaca e envergou uma outra já velha que estava pendurada no cabide por cima do lavatório. A seguir entrou no gabinete de trabalho onde, havia dezasseis anos, seis dias em cada sete, catalogava, sob o olhar sublime de Alexandre d'Esparvieu. E, dispondo-se a passar revista às salas, entrou na primeira e maior, que encerrava a Teologia e as Religiões em amplos armários cujos topos ostentavam bustos em gesso bronzeado de poetas e oradores da Antiguidade. Duas enormes esferas guarneциam os vãos das janelas, representando a Terra e o Céu. Mas, logo que deu o primeiro passo na sala, Sariette deteve-se, estupefacto, não podendo crer mas também não podendo duvidar do que via. Sobre a cobertura azul da mesa de trabalho havia livros espalhados desordenadamente, uns deitados, outros com as lombadas para o ar. Grandes in-quarto amontoavam-se em pilhas oscilantes. Dois léxicos gregos, embrenhados um no outro, compunham um só ser mais monstruoso que os casais humanos

do divino Platão. Um in-folio com o rebordo das páginas dourado estava aberto de par em par, mostrando três das suas folhas indecorosamente dobradas.

Passados alguns momentos o bibliotecário pôde sair do seu profundo espanto, aproximou-se da mesa e verificou, no amontoado confuso, que as suas Bíblias hebraicas, gregas e latinas mais preciosas, um Talmude único, tratados rabínicos impressos e manuscritos, textos aramaicos e samaritanos, rolos de sinagoga, os mais preciosos monumentos de Israel, em suma, estavam por ali empilhados, derrubados e escancarados.

Sariette estava perante uma coisa que era impossível compreender e, no entanto, fazia esforços para encontrar uma explicação. Com que desafogo teria admitido a ideia que Caetano d'Esparvieu, homem sem princípios e que usava das suas funestas liberdades em benefício da biblioteca para tirar dela às mãos cheias o que lhe aprazia durante as suas estadas em Paris, seria o autor daquela espantosa desordem! Mas Caetano andava naquela altura a viajar pela Itália. Após alguns instantes de reflexão, Sariette imaginou que, a horas tardias da noite, Renato d'Esparvieu tivesse tomado as chaves do seu criado de quarto, Hipólito, que havia vinte e cinco anos cuidava das divisões do segundo andar e dos sótãos. Renato nunca trabalhava de noite e não sabia ler o hebreu. Mas talvez, ruminava o arquivista, tivesse trazido ou deixasse entrar na sua sala algum padre ou religioso hierosolimitano, de passagem por Paris, algum sábio orientalista interessado em exegese sacra. Sariette perguntava também a si próprio se o abade Patouille, que era homem de curiosidades intelectuais e tinha o mau hábito de dobrar as folhas dos livros, não se teria lançado sobre todos aqueles bíblicos e talmúdicos, num súbito ardor para descobrir a impureza de Sem. Chegou a pôr em dado momento a hipótese de que o velho criado Hipólito, depois de ter feito a limpeza do pó e varrido a biblioteca durante um quarto de século, longamente envenenado pelas poeiras do saber e tornado muito curioso, tivesse nessa noite, sob o claror da lua, desorientado os olhos e a razão e perdido a sua alma naquelas páginas inacreditáveis. Foi até ao ponto de conceber que o jovem Maurício, ao sair do

seu clube ou de alguma reunião nacionalista, ousasse arrancar das estantes e dispersado daquela maneira os livros judaicos, por ódio ao velho Jacob e à sua nova posteridade, visto que esse filho-família se proclamava anti-semita e só mantinha relações com judeus anti-semitas como ele. Era um tanto atrevido admitir tal hipótese; mas o espírito de Sariette não tinha repouso, divagava entre as suposições mais extravagantes. Impaciente por conhecer a verdade, o zeloso guardião da biblioteca chamou o criado.

Hipólito, porém, não sabia de nada. O porteiro do palácio, inquirido, não pôde facultar nenhum indício. Ninguém, nos serviços da casa, tinha ouvido coisa alguma. Sariette desceu ao gabinete de Renato d'Esparvieu, que o recebeu em roupão e barrete de dormir, ouviu a descrição dos factos com o ar grave de quem está a ser incomodado por frioleiras e despediu-o com estas palavras trespassadas de compaixão cruel:

— Não se atormente e esteja certo, meu caro senhor Sariette, de que os livros estavam esta manhã no mesmo lugar onde os deixou ontem.

Sariette fez e refez vinte vezes o seu inquérito. Não descobriu nada e ficou numa inquietação que lhe tirou o sono. No dia seguinte, pelas sete horas, ao entrar de novo na sala dos bustos e das esferas, viu que estava tudo em ordem e teve um suspiro de alívio. Mas, de repente, o seu coração começou a bater desabaladamente; acabava de ver, deitado sobre a placa da chaminé, um volume in-octavo brochado, livro moderno, contendo ainda a faca de buxo que tinha servido para lhe abrir as folhas. O livro era uma dissertação sobre as duas versões justapostas do Génesis, obra que tinha sido expedida para o sótão pelo próprio Sariette e que nunca dali havia saído. Ninguém até então, na roda da família d'Esparvieu, tivera a curiosidade de discriminar a parte que cabe ao redactor monoteísta e a que é do redactor politeísta na estruturação desses livros sagrados. O volume tinha a cota R < 3214 VIII/2. E a dolorosa verdade de que mesmo a numeração mais sábia não permite encontrar um livro que está fora do seu lugar feriu o espírito do bibliotecário.

Em todos os dias que se seguiram, durante um mês, a mesa continuou a aparecer apinhada de livros. O grego e o latim começaram a misturar-se com o hebreu. Sariette pensava se tais desarrumações não seriam obra de malfeiteiros que se introduziam pelas lucarnas para roubar peças preciosas e raras. Mas o caso é que não se descobria o menor traço de arrombamento e, apesar das mais minuciosas medidas, o bibliotecário não conseguia descobrir que qualquer objecto tivesse desaparecido. Uma terrível perturbação invadiu o seu cérebro. Seria que algum macaco da vizinhança, descendo do telhado pela chaminé, vinha à biblioteca fazer imitações de estudos? Os macacos, meditava ele, são muito hábeis a imitar as acções humanas. Conhecendo os costumes desses animais, sobretudo pelas pinturas de Watteau e de Chardin, imaginava-os semelhantes, na arte de imitar um gesto ou fingir um comportamento, aos Arlequins, aos Scaramouches, às Zerlinas, aos Doutores da Comédia Italiana. Figurava-os a manipular a paleta e os pincéis, a triturar drogas num almofariz ou a folhear, junto de um forno, algum velho tratado de alquimia. Numa certa manhã infeliz, ao ver um borrão de tinta numa das folhas do terceiro tomo da Bíblia poliglota, encadernada em marroquim azul, com as armas do conde de Mirabeau, julgou ter a certeza de que seria um macaco o autor do desacato. O macaco fingira tomar apontamentos e entornara o tinteiro. E o macaco devia pertencer a algum sábio.

Imbuído desta ideia, Sariette estudoumeticulosamente a topografia do bairro, com a finalidade de circunscrever rigorosamente o maciço de casario entre o qual se ergue o palácio Esparvieu. Depois, andou pelas quatro ruas do quarteirão perguntando de porta em porta se havia algum macaco na casa. Interrogou porteiros e porteiras, lavadeiras, empregadas domésticas, um sapateiro, a mulher do lugar da fruta, um vidreiro, caixeiros, um padre, um encadernador, dois guardas-nocturnos, até crianças. Pôde assim pôr à prova a diversidade de caracteres e a variedade de temperamentos num mesmo povo, porque as respostas que recebia não tinham qualquer semelhança entre si. Teve respostas rudes e suaves, grosseiras

e polidas, simples e irónicas, prolixas e breves — e mesmo respostas mudas. Mas do animal que procurava, nem sombras. Até que, sob o arco de uma velha casa da rua de Servandoni, uma rapariguinha arruivada e sardenta, que estava de guarda ao cubículo, lhe disse:

— Sim, há o macaco do senhor Ordonneau... Se quervê-lo...

E, sem mais acrescentar, encaminhou o velho para o fundo do pátio, onde havia uma arrecadação. Ali, sobre um monte de palha e farrapos, um macaco ainda novo, com uma corrente à volta do corpo, tremia de frio. Não tinha mais corpo que uma criança de cinco anos. A face lívida, a fronte enrugada, os lábios estreitos reflectiam uma tristeza de morte. Levantou para o visitante o olhar ainda vivo, sob as pálpebras amareladas. Em seguida, com a mãozita descarnada, pegou numa cenoura, levou-a à boca e logo a pôs de lado. Depois de ter encarado por um momento os recém-chegados, o pobre bicho em exílio desviou a cabeça, como se nada mais esperasse dos homens, nem a vida. Dobrado sobre si, segurando um joelho com a mão, não voltou a mexer-se; e, de quando em quando, uma tosse seca sacudia-lhe o peito.

— É o Edgar — disse a pequena. — Está à venda, sabe?...

Mas o velho amador de livros, que andava saturado de raiva e de ressentimento e julgava ter encontrado o irónico inimigo, o monstro de malícias, o antibibliófilo, sentia-se agora surpreso, entristecido e acabrunhado ante aquele pobre ente sem forças, sem alegrias e sem desejos. Reconhecendo o seu erro, perturbado por aquele rosto quase humano, mais humanizado ainda pela tristeza e pelo sofrimento, apenas pôde murmurar:

— Perdão. — E inclinou a cabeça.

IV

Onde alguém, na sua poderosa brevidade, nos lança para os confins do mundo sensível.

Dois meses mais decorreram. A desarrumação da biblioteca não cessava e Sariette pensou nos franco-mações. Os jornais que lia andavam cheios com as notícias dos seus crimes. O abade Patouille julgava-os capazes das maiores perversidades e acreditava que eles traziam em mente, de acordo com os judeus, a ruína total da sociedade cristã.

Tendo alcançado, por esse tempo, o cúmulo do poderio, dominavam em todas as grandes instituições do Estado, dirigiam as Câmaras, tinham cinco dos seus no Ministério, ocupavam o Eliseu. Tendo assassinado pelo seu patriotismo, anos atrás, um presidente da República, faziam desaparecer os cúmplices e as testemunhas da sua execrável proeza. Poucos dias passavam sem que Paris, apavorada, não tomasse conhecimento de algum assassinato misterioso, tramado nas Lojas maçónicas. Estes factos não podiam ser postos em dúvida. Mas por que meios poderiam penetrar eles na biblioteca? Sariette não conseguia imaginá-lo. Que tarefa viriam executar? Porque se ocupavam eles da Antiguidade sagrada e das origens da Igreja? Quais seriam os seus ímpios desígnios? Uma sombra espessa envolvia essas acções abomináveis. O arquivista católico sentindo-se, sob o olhar dos filhos de Hirab, aterrorizado, caiu doente.

Mal se recompôs, decidiu passar a noite no próprio local onde ocorriam tão terríveis mistérios e tentar surpreender os visitantes subtis e temíveis. A empresa não era fácil para a sua tímida coragem.

Fraco de compleição, de espírito timorato, Sariette era naturalmente propenso ao medo. A 8 de Janeiro, às nove

horas da noite, quando a cidade adormecia sob uma tempestade de neve, depois de ter preparado um bom braseiro no fogão da sala adornada pelos bustos dos poetas e dos filósofos antigos, enterrou-se num sofá ao canto da chaminé, com uma manta sobre os joelhos. Numa mesinha, ao alcance da sua mão, estavam uma lâmpada, uma chávena de café e um revólver emprestado pelo jovem Maurício. Ainda tentou ler o jornal *La Croix*, mas as linhas bailavam-lhe diante dos olhos. Ficou então a olhar fixamente para a sala, só via sombras, não ouvia nada além do vento no exterior. E adormeceu.

Quando acordou, o fogo estava extinto. A lamparina apagada espalhava um mau cheiro acre. À sua volta, as trevas eram trespassadas por lácteas claridades e fosforescências. Pareceu-lhe ver agitar-se qualquer coisa em cima da mesa. Sentindo penetrá-lo até aos ossos o espanto e o frio, mas arrebatado por uma decisão mais forte do que o medo, levantou-se, aproximou-se da mesa e passou as mãos pela cobertura. Não viu nada: as próprias claridades estranhas tinham desaparecido. Mas sentiu sob as mãos um in-fólio aberto e quis fechá-lo. O livro resistiu, ergueu-se no ar e bateu com força por três vezes na cabeça do infeliz bibliotecário. Sariette caiu, finalmente, desmaiado

Daí em diante correu tudo de mal a pior. Os livros saíam com maior abundância do que nunca dos seus lugares e, por vezes, era impossível restituí-los às estantes: desapareciam. Diariamente, Sariette ia inventariando novas perdas. Os bolandistas estavam desemparelhados, faltavam trinta volumes de exegese. O bibliotecário estava irreconhecível: a cabeça engrossara-lhe e era agora amarela como um limão. O pescoço alongara-se desmesuradamente e os ombros descaíam-lhe. A roupa que vestia parecia pendurada num prego. Quase não comia. E, no restaurante dos Quatro Bispos, de olhar taciturno e cabeça baixa, fixava obstinadamente, sem a ver, a taça onde boiavam, num molho turvo, as suas ameixas. Já nem ouvia o seu amigo Guinardon anunciar-lhe que estava finalmente a restaurar as pinturas de Delacroix em Sulpício.

Renato d'Esparvieu, quando escutava os relatos alarmantes do infeliz conservador, apenas lhe respondia secamente:

— Os livros estão extraviados, não estão perdidos. Procure-os, Sr. Sariette, procure-os bem que eles hão-de aparecer.

E nas costas do velho, murmurava:

— Este pobre Sariette está a funcionar mal.

— Creio bem — acrescentava o abade Patouille — que a sua cabeça não está a regular.

V

Onde a capela dos Anjos, em São Sulpício, dá matéria para reflexões sobre a arte e a teologia.

A capela dos Santos Anjos, que se encontra à direita quando se entra à direita da igreja de São Sulpício, estava encoberta por um tapume de tábuas. O abade Patouille, Caetano d'Esparvieu, Maurício, seu sobrinho, e Sariette entraram em fila por uma porta baixa que fora aberta no tapume e deram com o pintor Guinardon empoleirado no alto de um escadote erguido em frente do *Heliodoro*. O velho artista, apetrechado com toda a espécie de ingredientes e utensílios, introduzia uma pasta esbranquiçada na fenda que tinha separado em duas partes a figura do sumo sacerdote Onias. Zeferina, que fora o modelo preferido de Paul Baudry, a mesma Zeferina que prestara a sua cabeleira loura e os seus ombros nacardados para servir de modelo a tantas madalenas, margaridas, sílfides e ondinhas, que fora amada, segundo voz corrente, pelo imperador Napoleão III, estava junto ao escadote de guedelha despenteada, a face terrosa e as pálpebras avermelhadas, o queixo florido por longos pêlos, mais envelhecida do que o «tio» Guinardon, cuja vida compartilhava havia mais de meio século. Era ela que levava num cabaz o almoço ao pintor.

Embora através da janela, com lâminas de chumbo e grudeada, a luz passasse oblíqua e fria, o colorido do quadro de Delacroix resplandecia e as carnações das figuras humanas e dos anjos rivalizavam em intensidade com a pincelada rutilante de Guinardon, que se desdobrava sobre uma coluna do templo. Essas pinturas murais da capela dos Anjos, escarnecidas e insultadas quando do seu aparecimento mas que tinham acabado por entrar na tradição clássica, já se associavam em

consagração de imortalidade às obras-primas de Rubens e de Tintoretto.

O velho Guinardon, barbudo e cabeludo, parecia a figura do Tempo a apagar as criações do Génio. Caetano, aterrado, gritou-lhe:

— Prudência, Sr. Guinardon, prudência! Não raspe demasiadamente.

O pintor tranquilizou-o:

— Não tenha receio, senhor d'Esparvieu. Eu não pinto dessa maneira. A minha arte voa mais alto. Pinto como Cimabue, como Giotto, como Fra Angélico — e não como Delacroix. Esta tela está demasiado carregada de oposições e de contrastes para poder dar verdadeiramente a impressão do sagrado. É certo que, como disse Chenavard, o cristianismo gosta do pitoresco. Mas Chenavard era um maroto sem fé nem lei, um ímpio... Veja, senhor d'Esparvieu, vou unindo as fendas, volto a colar as escamas de tinta que se decolaram. E é tudo... Os estragos devidos à compressão da parede ou, mais provavelmente, a algum abalo sísmico estão circunscritos a um pequeno espaço. Esta pintura a óleo e a cera, aplicada sobre um reboco bem seco, é mais sólida do que se pode julgar. Eu próprio vi Delacroix trabalhar nesta obra. Fogoso mas inquieto, compunha febrilmente, apagava, sobrecarregava sem cessar. A sua mão poderosa tinha imperícias de criança. Isto foi feito com o forte domínio do génio e com inexperiências de rapaz de escola. É quase um milagre que tenha chegado a isto... — O pintor calou-se e começou a recobrir as fendas na tela.

— Como esta composição é clássica e tradicional! — disse Caetano. — Antigamente só se viam nela espantosas novidades. Agora, reconhecemos-lhe um sem número de velhas formas italianas.

— Posso dar-me ao luxo de ser justo, tenho para isso os meios — disse o velho pintor do alto do seu escadote altaneiro.
— Delacroix viveu numa época de blasfémia e de impiedade. Pintor da decadência, não deixou de ter o seu orgulho e a sua grandeza. Valia mais do que o seu tempo. Mas faltaram-lhe a

fé, a simplicidade do coração, a pureza. Para ver e pintar anjos, precisava de ter a virtude dos anjos e dos primitivos, a virtude suprema que, graças a Deus, eu pratiquei o melhor que pude: a castidade.

— Cala-te, Miguel, tu és um porcalhão como os outros! — gritou-lhe Zeferina. Estava exasperada de ciúme porque tinha visto, nessa mesma manhã, o amante a abraçar na escada a filha da distribuidora do pão — a jovem Octávia, sórdida e luminosa como uma noiva de Rembrandt. Amante exaltada de Miguel em belos tempos que tinham passado há muito, nem por isso o amor estava extinto no coração de Zeferina.

Guinardon acolheu o insulto lisonjeiro com um sorriso que dissimulou, levantando os olhos para o Céu onde o arcanjo Miguel, terrível na sua couraça azul e no seu capacete vermelho, se destacava na irradiação da sua glória.

Entretanto, o abade Patouille, servindo-se do chapéu para fazer cortina contra a luz crua que vinha da janela e piscando os olhos, examinava sucessivamente a figura de Heliodoro flagelado pelos anjos, São Miguel triunfando sobre os demónios e o combate de Jacob e o Anjo.

— Tudo isto é muito belo — murmurou ele, por fim. — Mas porque é que o pintor só representou nesta parede anjos irritados? Bem passo os olhos por esta capela e só vejo nela arau-tos da cólera celeste, executores da vingança divina. Deus quer ser temido mas também quer ser amado. Seria bom que também houvesse aqui mensagens de clemência e de paz. Seria desejável ver representado o serafim que purificou os lábios do profeta; São Rafael, que restituui a vista ao velho Tobias; São Gabriel, que anunciou a Maria o mistério da Encarnação; o anjo que libertou São Pedro das suas cadeias; os querubins que levaram Catarina morta ao cume do Sinai. Seria agradável, sobretudo, contemplar aqui os guardiões celestiais que Deus concede a todos os homens baptizados em seu nome. Cada um de nós tem o seu, a seguir os nossos passos, a consolar-nos e a apoiar-nos. Como seria confortante admirar nesta capela esses espíritos cheios de encanto, essas figuras fascinadoras!

— Ah! Senhor abade, é preciso ver as coisas como elas são — replicou Caetano. Delacroix não era um homem benigno. O velho Ingres não estava muito longe da verdade quando dizia que a pintura desse grande artista cheira a enxofre. Olhe para estes anjos de uma beleza tão esplêndida e sombria, para estes andróginos altivos e ferozes, para estes adolescentes cruéis que levantam contra Heliodoro as vergastas vingadoras, para este jovem lutador misterioso que toca o patriarca na anca...

— Chiu! — interrompeu o abade. — Esse não é, na Bíblia, um anjo igual aos outros. Se é um anjo, é o Anjo Criador, o Filho eterno de Deus. O que me surpreende é que o venerando cura de São Sulpício, que confiou em Eugénio Delacroix a decoração desta capela, não o tenha advertido de que a luta simbólica do patriarca com O que não disse o seu nome ocorreu numa noite profunda e que o tema não está aqui no seu devido lugar, visto que prefigura a Incarnação de Jesus Cristo. Os melhores artistas transviam-se quando não recebem de um eclesiástico autorizado as necessárias noções de iconografia cristã. As instituições da arte cristã são o tema e numerosos trabalhos que o Sr. Sariette conhece bem, sem dúvida.

Sariette divagava com os olhos sem parar. Aquela manhã era a terceira depois da aventura nocturna na biblioteca. No entanto, interrogado pelo respeitável eclesiástico, despertou do seu letargo e respondeu:

— Nessas matérias pode-se consultar com proveito Molanus, na *De historia sacrarum imaginum et picturarum*, edição apresentada por Noël Paquot, de Lovaina, 1771; ou o cardeal Frederico Borromeu, em *De Pictura Sacra* e a iconografia de Didron. Mas esta última obra deve ser lida com precaução.

Depois de dizer isto, Sariette remeteu-se de novo ao silêncio. Continuava a meditar sobre a sua biblioteca transtornada.

— Pelo contrário — recomeçou o abade Patouille. — Visto que era necessário nesta capela um exemplo da santa cólera dos anjos, devemos aprovar o pintor por ter representado, tal como fez Rafael, os mensageiros do Céu que puniram Heliodoro. Encarregado por Seleuco, rei da Síria, de rapinar

os tesouros encerrados no Templo, Heliodoro foi espancado por um anjo couraçado de ouro e montado num cavalo magnificamente ajaezado. Dois outros anjos açoitaram-no com vergastas. Caiu no chão como Delacroix aqui o mostra e ficou envolvido em trevas. É justo e salutar que este episódio seja apresentado como exemplo aos comissários da polícia republicanos e aos agentes sacrílegos do fisco. Haverá sempre Heliodoros, mas convém que isso se saiba: cada vez que puserem as mãos nos bens da Igreja, que são os bens dos pobres, serão vergastados e cegos pelos anjos. Do que eu gostaria era que esta pintura ou, melhor ainda, a composição sobre o mesmo tema, que é mais sublime, fosse estampada em pequenas folhas, com todo o seu colorido, e distribuída em lugares apropriados nas escolas.

— Tio — disse o jovem Maurício bocejando —, não acho graça nenhuma a estas engenhocas. Prefiro Matisse e Metzinger.

Estas palavras ficaram no ar, ninguém lhes deu atenção, e Guinardon, do alto do seu escadote, profetizou:

— Só os primitivos conseguiram entrever o Céu. O verdadeiro belo só se encontra entre o século XIII e o século XV, o antigo, o impuro antigo, que retomou a sua perniciosa influência nos espíritos desde o século XVI, inspirou aos poetas e aos pintores pensamentos criminosos e imagens sem modéstia, horrendas impurezas e coisas impudicas. Todos os artistas da Renascença foram indecentes, sem exceptuar sequer Miguel Ângelo.

Logo depois, vendo Caetano d'Esparvieu prestes a sair, Guinardon tomou um ar de bonomia e segredou-lhe em tom de confidênciа:

— Senhor Caetano, senão o assusta subir os meus cinco andares, venha até à minha pocilga. Tenho lá dois ou três quadinhos que gostaria de verdade e que talvez lhe interessem. Coisas boas, francas e leais. Poderei mostrar-lhe entre outras peças um pequeno Baudouin jocoso e apimentado que lhe fará água na boca.

Com este discurso, Caetano partiu. E enquanto descia os degraus da igreja e voltava para a rua da Princesa, tendo ali à mão o velho Sariette, desabafou com ele, como teria feito com qualquer outro ser humano, até com um candeeiro, com um

ção ou com a sua própria sombra, a indignação que lhe causavam as doutrinas estéticas do pintor:

— Bem prega este Guinardon, com a sua arte cristã e os seus primitivos! Tudo o que o pintor concede ao Céu é tirado da Terra: Deus, a Virgem, os anjos, os santos, a luz, as nuvens. Quando estava a executar as figuras para os vitrais da capela de Dreux, o velho Ingres traçou com plumbagina o modelo à vista, uma fina e pura figura de mulher, que se encontra, entre várias outras composições, no museu Bonnat, em Bayonne. E Ingres escreveu, no fundo da folha, com receio de se esquecer: «Mademoiselle Cecília, pernas e coxas admiráveis». E, para fazer dessa menina Cecília uma santa do Paraíso, cobriu-a com um vestido, um manto, um véu, infligindo-lhe assim uma miserável degradação, pois que os tecidos de Lyon e de Génova são vis em confronto com o tecido vivo e jovem de um corpo animado por um sangue puro. As mais belas roupagens são desprezíveis em comparação com as linhas de um belo corpo. Enfim: o vestuário é uma vergonha imerecida e a pior das humilhações para a carne núbil e desejada.

E Caetano, pisando negligentemente o chão molhado e gelado da rua Garancière, prosseguiu ainda:

— O «tio» Guinardon é um idiota e um malfeitor. Blasfema da Antiguidade, da santa Antiguidade, do tempo em que os deuses eram bons. E exalta uma época em que o pintor e o escultor precisavam de repreender tudo. Na realidade, o cristianismo foi contrário à arte, visto que não favoreceu o estudo do nu. A arte é a representação da natureza; e a natureza por excelência é o corpo humano, é o nu.

— Permita-me, Sr. Caetano, permita-me... — sussurrou Sariette. — Há também uma beleza espiritual, uma beleza por assim dizer interior, que, desde Fra Angélico até Hipólito Flandrin, a arte cristã...

Sem sequer o ouvir, Caetano lançava as suas palavras imponentes às pedras da velha rua e às nuvens carregadas de neve que lhes passavam por cima, lá nas alturas:

— Não se pode formar um juízo de conjunto sobre primitivos porque eles não se assemelham nada entre si. Este velho

maluco embrulha tudo. Cimabue é um bizantino corrompido. Giotto deixa adivinhar um génio poderoso mas não sabe modelar. E, como as crianças, faz uma cabeça igual para todas as personagens. Os primitivos italianos têm a sua graça e têm a alegria porque são italianos. Os de Veneza têm o instinto da bela cor. Mas, enfim, essesobreiros requintados estampam e espalham dourados mais do que pintam. O vosso Beato Angélico, decididamente, tem o coração e a paleta demasiado macios para o meu gosto. Quanto aos flamengos, isso é outra história. Esses tinham a mão firme e igualam pelo esplendor no seu ofício os laquistas chineses. A técnica dos irmãos Van Eyck é maravilhosa. E, mesmo assim, não consigo descobrir na *Adoração do Cordeiro Místico* esse encanto e esse mistério que são tão louvados. Tudo é ali tratado com implacável perfeição, tudo é ali mostrado no que é vulgar pelo sentimento e pela cruel fealdade. Memling, talvez, é tocante; mas só cria nas suas telas doentes estropiados, e sobre os ricos, pesados e desgraciosos trajes das suas virgens e santas, adivinham-se nus deploráveis. Não precisei de esperar que Rogier van der Weyden passasse a chamar-se Roger de la Pasture e se tornasse francês para o preferir a Memling. Esse Rogier ou Roger é menos simplório mas, em compensação, é mais lúgubre; e a firmeza do seu traço marca fortemente nos seus painéis a miséria das formas. É uma aberração estranha comprazer-se com tais figuras da Quaresma quando se tem as figuras de Leonardo, de Ticiano, de Correggio, de Velásquez, de Rubens, de Rembrandt, de Poussin, de Proudhon. Verdadeiramente, o que há nisso é sadismo!...

Entretanto, atrás do esteta e do bibliotecário, caminhavam lentamente o abade Patouille e Maurício d'Esparvieu. O padre, pouco predisposto, geralmente, a tratar de teologia diante de leigos, mesmo quando letRADOS, deixara-se arrastar pela fascinação do tema e expunha ao jovem Maurício a santa missão desses anjos-da-guarda que Delacroix excluíra tão funestamente das suas composições e, para melhor exprimir o seu pensamento sobre assuntos tão sublimes, o abade Patouille ia buscar a Bossuet maneiras de dizer expressões, frases inteiras

que tinha aprendido de cor para inserir nos seus sermões, tão fortemente se sentia atraído pela tradição.

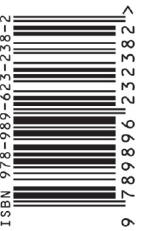
— Sim, meu filho — dizia ele —, Deus colocou junto de nós espíritos tutelares. Eles vêm até nós com todos os seus dons e voltam carregados com os nossos votos. É essa a sua missão. A qualquer hora, em qualquer momento, estão prontos a prestar-nos assistência, guardas sempre fervorosos e infatigáveis, sentinelas sempre vigilantes.

— Perfeitamente, Sr. Abade — murmurava Maurício, que ao mesmo tempo ia pensando em qualquer feliz artifício para impressionar a ternura de sua mãe e solicitar-lhe certa soma de dinheiro de que tinha grande necessidade.

Algo de misterioso e inexplicável acontece durante a noite na biblioteca da família d'Esparvieu. O padre Sariette, responsável por zelar pelos mais de trezentos e sessenta mil valiosos volumes que a compõem, encontra-a de manhã cedo sempre em total desordem: prateleiras vazias, livros espalhados ou amontoados sem critério, raros in-fólios abertos de par em par, com as suas folhas dobradas.

Por esta mesma altura, o jovem Maurício d'Esparvieu, herdeiro da família, tem um encontro surpreendente com Arcádio, o seu anjo-da-guarda. Aborrecido com a sua monótona vida de anjo e decidido a examinar os fundamentos da fé, Arcádio passou os últimos meses embrenhado em leituras, pondo a saque a famosa biblioteca da família. Resultado de tanto estudo: Arcádio já não mais acredita que Deus é o Bem supremo. Pelo contrário, considera-o um tirano usurpador e pretende incitar os anjos a uma nova guerra pelo poder celestial. Está em curso uma Revolta dos Anjos! Contudo, Arcádio descobre igualmente os prazeres da vida terrena e boémia de Paris...

Retrato mordaz e divertido de uma sociedade conservadora, crítica velada contra a violência e todas as formas de poder insituito, *A Revolta dos Anjos*, último romance escrito por Anatole France, é considerada uma obra-prima intemporal da literatura, agora novamente disponível para o leitor português.



Capa: © razzmatazz design



cavalo de ferro